

O RESTO É SILÊNCIO: UMA OPÇÃO PELO REALISMO

Carmen Consuelo Silveira

Durante o século XIX, com o movimento real-naturalista, seguindo as pegadas de Émile Zola e de Gustave Flaubert, a obra literária aparece extremamente comprometida com a realidade. O escritor, de acordo com os cânones da época, através de um ponto de vista onisciente, passa a retratar a realidade da forma mais precisa possível. Grandes escritores surgem nesse período. Temos um Eça de Queirós em Portugal e um Machado de Assis no Brasil.

No período pós-modernista (isto é, após o **boom** de 1922), surge uma literatura brasileira engajada com a realidade, em que os valores do real-naturalismo são retomados. Há todo um comprometimento com a sociedade — quer urbana quer rural — e com o homem da época. Surge uma nova geração que se imortalizará pintando o retrato de sua época, a denominada **Geração de 30**. Entre os grandes nomes que se firmaram no cenário da literatura temos Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado e, no Sul, Erico Verissimo.

O romance de Erico Verissimo está ligado à vida do homem da cidade — seja da cidade já constituída seja da que está em formação, como Santa Fé ou Antares — apresentando, portanto, uma temática urbana. Mergulha no âmago de suas personagens, dando uma visão psicológica das mesmas, retratando seus costumes, bem como os hábitos de uma região do país, não fugindo, assim, aos traços regionalistas, tanto pela linguagem como pela recordação e evocação do passado histórico desse povo.

Em 1943, surge **O resto é silêncio**, onde a sociedade porto-alegrense é pintada: uma sociedade atingida pelos novos rumos que o mundo em guerra estava tomando, medrosa e assustada diante das inovações, buscando novos valores e procurando preservar os antigos. Luta pela afirmação social, sem perder sua tradição de origem camponesa. A figura do velho Quím seria a re-

presentante deste passado do campo, em franca oposição e discordância com o homem que se pretende da cidade.

O escritor Tônio Santiago e sua constelação familiar participam dessa vida urbana e é esta personagem que funcionará como *alter ego* de Erico Verissimo, trazendo ao romance não somente toques autobiográficos, como também a preocupação do autor gaúcho sobre a criação literária e o papel do escritor no mundo em transformação da década de 40.

Uma das primeiras proposições de Erico Verissimo refere-se ao artista como um menino que — a partir de seu mundo infantil, campo propício ao sonho, à divagação e à criação de imagens, onde a criança é o senhor absoluto e onipotente — pode construir um universo capaz de representar a vida tal e qual ela se apresenta. Este aspecto de a arte constituir-se numa imitação da vida, nos reporta diretamente aos modelos realistas, cuja essência da obra de ficção residiria na verossimilhança. Por outro lado, o autor recusa, perplexo, a proposição dos meninos **barulhentos e esquisitos** que **gritam** sua habilidade para elaborar um universo diferente.

Tônio Santiago, entregue a uma semidormência preguiçosa, segue, de olhos cerrados, o desenho de uma melodia, através duma região misteriosa povoada de faces — algumas da vida real, muitas de seus próprios romances, outras nunca vistas. (...) Tônio ficou a buscar palavras com que pudesse descrever aquela paisagem. Se fosse pintor — refletiu — seus dedos estariam ardendo por tomar dum pincel a prender na tela as cores daquele horizonte volúvel. Sim, o que há no fundo de todo artista é ainda o menino. O menino que olha o mundo e diz: "Eu também sei fazer um céu como aquele, flores iguais às deste jardim, pessoas como aquelas que lá vão". Há também meninos que em assomos de orgulho exclamam: "Eu sei fazer um mundo mais bonito!". E aí estava a razão pela qual a arte tantas vezes superava a vida. Quanto aos surrealistas, cubistas, etc..., são meninos esquisitos que gritam: "Eu sei fazer um mundo diferente". (VERISSIMO, 1976: 53)

Portanto, ao não aceitar os **meninos esquisitos**, Erico Verissimo reafirma sua posição de escritor engajado nos moldes retomados da ficção da segunda metade do século XIX. Esta escolha de modelos realistas, a busca da verossimilhança, é uma escolha consciente, tanto que é um dos elementos por ele tematizado em mais de uma obra. Assim, de um lado surge sua recusa da **arte** pela arte e, de outro, a ênfase da arte como forma de retratar a vida:

- Acha que o escritor deve fazer arte pela arte?
- (...) "Nesse particular, parece-me que não deve haver decretos, imperativos, códigos... Tudo é questão de temperamento, maneiras individuais de ser, de ver e sentir." (...)

- Pal, estamos perdendo tempo — repreendeu. — Vamos! "Arte por amor da arte?"
- Ou arte por amor de mim mesmo, como disse Lawrence?... (...)
- Seja-me permitido meter a colher torta nessa panela tão mexida, para dizer: Arte pelo amor da vida. Pinta-se, compõe-se música, escreve-se romance ou poesia, faz-se escultura, enfim praticam-se todas as formas de arte, parece-me, num desejo de imitar a vida, corrigi-la, compreendê-la, ampliá-la, ou fruí-la da maneira mais sensualmente larga. E não devemos esquecer que nisso, como em tudo o mais, há sempre a presença do mistério. (VERISSIMO, 1976: 62)

Através do exemplo anterior, verifica-se, ainda, que, para Erico Verissimo, o objetivo da arte será o de não apenas retratar a vida, num trabalho de mero copista, mas será, sobretudo, o da busca da superação dessa realidade. Há, de forma bastante explícita, a pretensão a algo bem maior. É o desejo que possui todo o artista de **corrigi-la, compreendê-la, ampliá-la ou fruí-la da maneira mais sensualmente larga**, isto é, de explorar todos os aspectos da realidade de formas diferentes, sem perder, entretanto, o contato com o real, sem tornar-se hermético com o intuito de dar a idéia de possuir o autor pensamentos falsamente profundos, pois a arte deve ser traduzida da forma clara e simples, a fim de que possa atingir o maior número de pessoas:

- Se um escritor tem uma história para narrar — disse — não vejo razão para que não a conte em termos claros, a fim de que o maior número possível de pessoas a leia e compreenda. Não participo desse desejo orgulhoso e aristocrático de hermetismo... Acho desonesto o truque de turvar as águas para dar a impressão de profundidade... a gente não deve inventar complicações artísticas. Não tenho a menor disposição para criar enigmas literários. (VERISSIMO, 1976: 70-1)

Tanto o autor não se propõe a criar **enigmas literários** que, em dado momento, apresenta-se como um **contador de histórias**, aliás, posição esta à qual Erico Verissimo manteve-se sempre fiel, não deixando de lado ocasiões para reafirmá-la, seja nos seus textos de ficção, seja em entrevistas concedidas à imprensa. Mais uma vez, seu *alter ego*, Tônio Santiago, nos proporciona um exemplo para o que acabamos de afirmar:

- Mas será que não descobriram ainda que antes de mais nada o que eu quero é contar histórias? Nunca declarei que desejava salvar o mundo, fundar uma religião ou criar um sistema filosófico. Disse? Não disse. Pois é. Escrevo pela razão por que uma galinha bota ovo. Por fatalidade biológica.

Entretanto, este desejo de apenas **contar histórias** não pretende elidir o aspecto humano. Ao contrário, ocorre uma busca do que Erico Verissimo considera o grande drama do homem, ou seja, o de ser perecível, efêmero no mundo, sua **luta em prol da sobrevivência e da felicidade**:

- Qual deve ser a função do escritor de ficção?
- "Penso que as criaturas humanas querem antes de mais nada durar e ser felizes, principalmente durar. Para a maioria não se trata apenas de durar aqui na terra, mas de continuar na "outra vida", passar pelo plano do tempo para o da eternidade. Creio que a função principal do romancista é contar a história do homem na sua luta em prol da sobrevivência e da felicidade..." (VERISSIMO, 1976: 63)

O contar histórias, além do mais, filia-se àquilo que o autor entende por criação literária, isto é, a criação, a partir do real, de uma supra-realidade, amplificadora da vida tanto numa dimensão temporal como espacial. É o menino que acredita poder criar um mundo mais bonito do que aquele que existe num plano concreto.

E agora que ali estava, o que queria era ficar no automóvel, olhando as gentes que passavam. Aquelas pessoas todas para ele eram personagens dum romance, estavam naquele exato momento vivendo um trecho desse romance. (...) O que mais deixava Tônio intrigado era o mistério que havia em cada alma, mesmo nas criaturas mais primárias. Os homens sabiam muito pouco não só uns dos outros mas também de si mesmos. Era talvez isso o que tornava a vida tão difícil, tão incerta e ao mesmo tempo fascinante. Para Tônio, escrever ficção era descobrir alguma coisa dos outros e muito de si mesmo. Tinha para com as criaturas humanas uma atitude de curiosidade (...) e um respeito quase supersticioso pela literatura alheia. Na vida real era-lhe detestável interferir nos negócios íntimos de outros, o que não o impedia de, como escritor, ser duma indiscrição de Diabo-Rengo. (...) Se, como ser humano, como membro do grupo social, ele esperava das outras criaturas que fossem fraternais e compreensivas, tolerantes e equilibradas, não deixava de reconhecer que sem a incoerência e o ódio, o amor e a loucura, a desordem e o crime, não haveria elementos para a ficção. E ele gostava de escrever histórias. Era um modo de amplificar a vida no tempo e no espaço; de projetá-la talvez na quarta dimensão. (VERISSIMO, 1976: 73-4)

A criação dessa quarta dimensão, de uma realidade verossímil é, sem dúvida, o resultado de o Autor estar no mundo, convivendo com outros homens, com outras dramas que não o seu. Além do mais, a criação literária, como já dissemos antes, em que pese retratar o mundo, não se atém apenas a este trabalho de fotografia. Significa tomar uma posição frente à realidade, à sociedade e seus valores. É uma opinião sobre a vida, o mundo, os homens. Esta opinião, portanto, é ver o mundo circundante e seus habitantes através de um ponto de vista pessoal, através da ótica do homem e escritor que o narra:

- Ora, um escritor, é claro, não pode ser imparcial como uma câmara fotográfica. Mesmo quem afirma que o "depoimento" da máquina fotográfica seja imparcial? Quantas vezes a gente verifica que a visão que tem duma pessoa ou duma paisagem não confere com a que delas nos dá uma fotografia? Tu

sabes... Mesmo quando o escritor quer ser "imparcial" e absolutamente objetivo, na simples escolha do tema, das personagens, na pura disposição das cenas ele está dando a própria "opinião" sobre a vida, o mundo, os homens. (VERISSIMO, 1976: 63)

Esta parcialidade e personalidade em ver e retratar o mundo não impõem ao escritor um distanciamento do momento histórico. Não deve o autor ficar indiferente à realidade que o cerca, o que não o obriga, porém, a um engajamento político e ideológico.

Reconhecia, com certa má-vontade, que era indispensável uma fé firme para realizar grandes coisas. Se ele tivesse essa fé num deus ou numa Idéia, haveria de orientar seus livros no sentido dessa fé política ou religiosa, não porque achasse que a arte deve ter uma orientação sectária, mas porque reconhecia estar o mundo vivendo um momento excepcional em que a ninguém é lícito ficar indiferente. (VERISSIMO, 1976: 169)

A partir do fato de a ficção ter como base uma realidade transformada pela ótica do escritor, Erico Verissimo dá à criação literária um status de falsidade, no sentido de que a ficção retrata um mundo verossímil e coerente, mas igualmente distinto da realidade tal e qual ela verdadeiramente se dá a nós. Em contrapartida, a realidade, muitas vezes, carece dessa logicidade e verossimilhança, cabendo ao ficcionista, ao recriá-la, restituir-lhe tais aspectos, ordenando-a e afastando-a do absurdo. Logo, a obra literária poderá ser o elemento ordenador dessa realidade, através do falso que a sustenta:

O melhor era esquecer o assunto. A Joana de carne e osso estava morta. Viva a Joana da ficção! Era preciso, porém, dar-lhe outro destino, inventar para ela uma história menos inverossímil. (VERISSIMO, 1976: 332)

Muitas vezes, nas suas horas de ceticismo, Tônio sentira-se inclinado a dizer que sua geração havia herdado dos antepassados apenas retratos de generais e estâncias hipotecadas. Mas não! Era uma afirmativa falsa, além de literária. (VERISSIMO, 1976: 401)

Por outro lado, o falseamento da realidade pela ficção tem uma função renovadora, pois, ao apresentar o drama do próprio homem, abre caminho para a autodescoberta e a descoberta do outro. Esta é mais uma das importantes mensagens de Erico Verissimo: o homem, ao tomar contato com o cotidiano ficcional, adquire meios de apreciar e valorar o seu próprio dia-a-dia, passando a ter uma visão mais abrangente de seu mundo.

Estava decidido a começar um novo romance. Borboleteara sobre vários temas. Procurava esquecer a guerra, convencer-se de que mau grado todos os sinais de desastre que andavam pelo mundo, a vida em seus traços elementares não deixaria de ser o que sempre fora. A dúvida, entretanto, lhe surgia no espí-

rito sob a forma duma pergunta desanimadora: "No momento em que o drama da guerra deixa pequenos e apagados todos os dramas da literatura, que interesse poderá oferecer a história dum homem ou grupo de homens? Será lícito repisar os velhos e melancólicos problemas da vida quotidiana?" Por outro lado, era o seu próprio espírito que produzia o contraveneno: "Acima dos ditadores, de toda violência, de todas as guerras, existe algo de mais forte, algo de eterno. É a vontade que o povo tem de sobreviver, de acreditar, de renovar-se". Há ainda o drama essencial do homem, que pertence a todas as épocas, que mora na alma de cada criatura, que está presente em cada simples minuto da vida. (VERISSIMO, 1976: 55)

Finalmente, outro elemento constitutivo da obra literária é estudado por Erico Verissimo: a personagem.

Suas personagens serão retiradas do seu mundo, de dramas paralelos aos seus e dos quais, como observador, participa e, talvez por isso mesmo, por conhecê-las presas à realidade, Erico lhes concede uma boa parcela de autonomia. O autor deixa de ser um criador onipotente, já que suas personagens possuem capacidade de seguir rumos próprios e inesperados, fugindo-lhe ao controle. Ninguém, segundo o Autor de **O resto é silêncio**, consegue **controlar a vida em todas suas manifestações**. A onisciência do Autor é, pois, também limitada.

Tônio às vezes se convencera de que Nora era uma personagem de seus livros. Não raro desejava exercer sobre ela o mesmo domínio que julgava ter sobre as suas criaturas de ficção. (RS, 1976:54)

— Tu sabes, o público tende a confundir os romancistas com os heróis de seus romances. Os leitores sofrem em maior ou menor grau do complexo "mocinho que salva mocinha". Imaginam dum modo obscuro, que o autor pode mudar o destino das criaturas vivas com a mesma facilidade com que muda o destino das suas personagens. O que aliás é uma suposição falsa... porque nem o destino de nossas personagens nós chegamos a governar de maneira absoluta. (RS, 1976: 122)

As personagens são, portanto, mais um dado do realismo que Erico Verissimo incorpora na ficção. O mundo por ele narrado ancora-se na realidade, na História e suas personagens — enquanto elementos fundamentais da narrativa — não fogem a seu propósito de atingir o verossímil, uma vez que são criaturas retiradas do universo do autor.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

VERISSIMO, Erico. **O resto é silêncio**. 8. ed. Porto Alegre, Globo, 1976.